

XXVII Congreso de la Asociación Latinoamericana de Sociología. VIII Jornadas de Sociología de la Universidad de Buenos Aires. Asociación Latinoamericana de Sociología, Buenos Aires, 2009.

## **(IN)VISIBILIDADES, MASCULINIDADES E ENVELHECIMENTO.**

Gabriela Felten da Maia y Fátima Perurena.

Cita:

Gabriela Felten da Maia y Fátima Perurena (2009). *(IN)VISIBILIDADES, MASCULINIDADES E ENVELHECIMENTO. XXVII Congreso de la Asociación Latinoamericana de Sociología. VIII Jornadas de Sociología de la Universidad de Buenos Aires. Asociación Latinoamericana de Sociología, Buenos Aires.*

Dirección estable: <https://www.aacademica.org/000-062/861>

*Acta Académica es un proyecto académico sin fines de lucro enmarcado en la iniciativa de acceso abierto. Acta Académica fue creado para facilitar a investigadores de todo el mundo el compartir su producción académica. Para crear un perfil gratuitamente o acceder a otros trabajos visite: <https://www.aacademica.org>.*

# (IN)VISIBILIDADES, MASCULINIDADES E ENVELHECIMENTO<sup>1</sup>

Gabriela Felten da Maia  
Universidade Federal de Santa Maria  
[gabryelamaia@gmail.com](mailto:gabryelamaia@gmail.com)

Dr<sup>a</sup>. Fátima Perurena  
Universidade Federal de Santa Maria  
[perurena@terra.com.br](mailto:perurena@terra.com.br)

## Situando nosso debate

A ausência, na Praça Saldanha Marinho e Calçadão, localizado no centro da cidade de Santa Maria/RS, de mesas para jogos ou outro tipo de atividade, existindo apenas bancos distribuídos por toda a praça introduziu algumas questões que serão desenvolvidas ao longo deste artigo. Há um contraste deste espaço em relação aos programas para a terceira idade, pois enquanto nestes os velhos são convocadas a movimentar-se, naquele percebe-se poucas movimentações, sendo caracterizado por um espaço de conversação. Ademais, o que se observa é uma presença majoritária de homens velhos, em relação à presença de mulheres, circulando ao longo do dia pelo espaço da praça e do calçadão de Santa Maria. O que se contrapõe ao que comumente se vê nos programas para a terceira idade, onde há uma maioria, embora não de forma absoluta, de mulheres.

Esta diferença na participação por sexo pôde ser corroborada pela experiência de observação, entre novembro e dezembro de 2008, de uma atividade para a Terceira Idade desenvolvida pelo Núcleo Integrado de Estudos e Apoio à Terceira Idade (NIEATI/UFSM), ao constatar-se que de um grupo composto por aproximadamente 35 participantes, em geral 23% eram homens. Algo também observado em pesquisas que, em se tratando das diferenças na experiência de envelhecer para homens e mulheres, constatam que há pouca adesão de homens em grupos de convivência (DEBERT, 2004; RODRIGUES & MERCADANTE, 2006).

O que faz com que mulheres participem mais ativamente dos programas para a terceira idade? Autores afirmam que as mudanças nos significados hoje atribuídos à velhice, que sob o nome da terceira idade propagam uma reconfiguração da mesma, formam possibilidades as mais diversas de ser velho ou velha na sociedade, o que permite a estas mulheres novas sociabilidades, longe do ambiente doméstico (MOTTA, 1994; DEBERT, 2004). Alves (2006) argumenta que a preponderância do discurso da terceira idade entre o grupo de mulheres velhas de camadas médias serve de orientação e justificação para as suas práticas atuais de sociabilidade. Como destaca a autora: “o discurso atual da velhice ativa e autônoma oferece um quadro de possibilidades para a valorização do envelhecimento fora do âmbito estritamente doméstico, constituindo-se um espaço de individuação das mulheres mais velhas hoje” (ALVES, 2006: 86).

Há uma re-configuração no processo de envelhecer entre as mulheres participantes de grupos de convivência, o que as leva a rever os *scripts* do que é velhice

---

<sup>1</sup> Este artigo é parte de uma discussão mais ampla realizada em uma pesquisa para a dissertação de mestrado, realizada no Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal de Santa Maria/BRASIL/RS, sob orientação da Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Fátima Perurena.

e ser mulher. Para estas mulheres, de acordo com Debert (2004), o envelhecimento significa a passagem de um mundo regrado para outro em que é permitido criarem suas próprias regras, tornando essa conquista da liberdade feminina um fato irreversível que permite uma redefinição do que é envelhecer. Como salienta a autora, “pela primeira vez é aberto um espaço para as mulheres de mais idade criarem novas regras e estilos de vida. É esse espaço que elas apressam a ocupar” (Debert, 2004: 185).

Entre os homens, por sua vez, haveria uma relação negativa entre envelhecimento e masculinidade, uma vez que, estando o masculino associado ao trabalho e à força física, a aposentadoria pode representar um processo de desligamento da vida social. Neste caso, a velhice não seria considerada uma etapa em que poderiam estar vivenciando uma experiência privilegiada, em relação às outras etapas da vida (Debert, 2004).

Este, para Motta (1999), é o ponto nodal da diferença entre práticas e representações de velhas e velhos e, para nós, parece ser o motivo de maior investimento de estudos sobre a velhice de mulheres, haja vista que ao perderem a condição social de reprodutoras e conquistarem a “libertação de certos controles societários que se referiam justamente à reprodução e a tolheram durante toda a juventude” (MOTTA, 1999: 211) tornam-se mais ativas, meio triunfalista. Triunfalistas porque não é apenas a “superação” da sua condição feminina, mas também do estereótipo de velhice, através de uma revisão do significado de envelhecer, pois não são mais decrépitas inúteis e incapazes, mas sim ativas e joviais.

Em um primeiro momento, pode-se pensar que estas mulheres, frequentadoras das atividades para a terceira idade, façam parte daquilo que hoje se considera “normal” para aqueles que envelhecem. Mas e estes homens que vão ao centro, o que estariam fazendo, já que não fazem parte, em sua maioria, destes espaços de sociabilidade? Eles não fazem parte do que se está chamando da “melhor idade”? Estariam transgredindo alguma norma de comportamento esperado para a velhice na atualidade?

Estas questões introduzem um novo elemento para se pensar a velhice e sua relação com os espaços de sociabilidade: a diferença quantitativa entre a participação de homens e mulheres nos espaços sociais permite pensar que há características diversas de sociabilidade entre a velhice feminina e a masculina, devendo as práticas e representações de gênero serem levadas em consideração (DEBERT, 2004; FIGUEIREDO *et. al.*, 2007).

### **Estudos sobre envelhecimento e homens: algumas questões**

Contudo, vale salientar que a partir de leituras realizadas sobre o campo de estudos do envelhecimento, percebe-se que, em se tratando de estudos que utilizam gênero (ou seria a variável sexo?<sup>2</sup>), em sua maioria os estudos privilegiam a velhice feminina como foco de análise. A impressão que se tem é que para os homens há pouco ou nada para se falar na velhice, normalmente associada a um processo de ruptura da

---

<sup>2</sup> Os estudos sobre o envelhecimento, em geral, não discutem sobre a categoria gênero como categoria analítica, conforme propõe as feministas (ver Scott (1990), Lauretis (1994), Heilborn (1990), entre outras), para a análise da organização social da diferença. O que se percebe é a simples troca da variável sexo pela palavra gênero, esvaziando seu potencial analítico presente nas propostas feministas.

ordem produtiva e a incorporação de uma “ideologia da velhice” – quando os homens assumem a condição de velhos.

Esta constatação levou-nos a questionar o porquê de os estudos sobre envelhecimento, que se detêm em sociabilidades associadas em sua maioria aos modelos de terceira idade, não problematizam a condição da velhice masculina. E mais ainda, quando se trata de estudos que usam o conceito de gênero, porque não há espaço para discutir a velhice de homens? Por que não estudar homens velhos?

A estas perguntas acrescentam-se outras: por que os homens velhos não aderem ao que se poderia chamar de uma “ideologia da terceira idade”, os tornam menos atraentes para os estudos sobre o envelhecimento? Ou seria uma herança dos estudos de mulheres, que mesmo tornando-se estudos de gênero ainda têm a categoria mulher como patrimônio político e intelectual principal nestes estudos?

Mas para avançar nesta questão é preciso problematizar alguns aspectos presentes nesses estudos: as questões de gênero nos estudos sobre o envelhecimento impõem-se única e exclusivamente pela feminização desse segmento da população? Ou pela revisão dos *scripts* que as mulheres velhas passam a experimentar? A incorporação da categoria gênero tem ocorrido como categoria empírica que substitui o sexo?

A partir destas questões acredita-se ser necessário uma reflexão sobre os estudos de gênero, a fim de problematizar a (in)visibilidade dos homens nos estudos sobre o envelhecimento. Sem ter aqui o objetivo de oferecer respostas ou fazer um balanço das correntes epistemológicas e teóricas que tem definido o conceito de gênero como ferramenta analítica, destacamos por que a opção por estudo com homens e a necessidade, como salientam Medrado e Lyra (2008), de uma matriz feminista de gênero para os estudos sobre homens e masculinidade.

### **Estudos de gênero e o sujeito do feminismo**

De acordo com Scott (1990) gênero é uma categoria analítica que surgiu entre as discussões feministas americanas na tentativa de rejeitar o determinismo biológico implícito nas distinções baseadas no sexo. E mais ainda, sublinhava o aspecto relacional das definições de masculinidade e feminilidade. A partir desse novo conceito mulheres e homens seriam definidos em termos recíprocos e não se poderia compreendê-los através de estudos separados.

Mas como nos indica a autora acima citada, gênero, em boa medida, foi usado como sinônimo de mulher. E assim o fizeram com o intuito de oferecer uma maior seriedade aos estudos das mulheres, porque estes não oferecerem o impacto pretendido no tocante do lugar da mulher na história e na política. A história das mulheres constitui-se em guetos, pois permanecia na maior parte trabalho das mulheres, sendo tolerado, mas sem alterar os rumos da História como disciplina. Para dar visibilidade às mulheres e considerá-las sujeito da história a introdução da temática das mulheres a partir da abordagem de gênero tem levado a rever narrativas, propor novos olhares, perspectivas e problematizações a fontes já estudadas (SCOTT, 1990; WOLFF & POSSAS, 2005; SOIHET, s/d).

Conforme Soihet, desde a década de 70 têm-se usado o termo gênero para conceituar a questão da diferença sexual. Como ferramenta analítica a categoria gênero contribui para a ampliação do objeto e das possibilidades de produção de conhecimento. Contudo, não mostrou grandes avanços nos estudos sobre temas como a guerra, a diplomacia e a alta política, porque não tinha força de análise para interrogar paradigmas históricos existentes, haja vista que, aparentemente, estes temas nada tinham a ver com o gênero. Portanto, de acordo com Scott (1990), como um conceito descritivo, o gênero foi inicialmente associado aos estudos das mulheres.

Nesse sentido, os estudos concentraram-se inicialmente em denunciar a invisibilidade das mulheres, caracterizada por uma geração de pesquisadoras que buscaram denunciar obscurecimento de temas relacionados à experiência das mulheres e a opressão histórica que as estas vinham sofrendo.

Mas a partir da década de 70 os marcos teóricos expandiram-se e ficou mais claro os limites da colagem gênero-mulher, assumindo-se não mais se discutiria sobre a mulher, mas sobre as relações de gênero. Contudo, como apontam Corrêa e Vianna (2007), não sem controvérsias, pois no plano da militância a colagem gênero-mulher ainda persiste, pois há uma grande resistência em abrir mão do capital político construídos ao redor da categoria mulher.

De acordo com Scott (1990) em seu uso mais simples “gênero” é sinônimo de “mulheres”. Durante muito tempo, as produções que tinham como discussão central a história das mulheres, substituíram o termo “mulheres” pelo termo “gênero”. Além disso, “gênero” ser tanto substituto de “mulheres”, *“como é igualmente utilizado para sugerir que a informação sobre o assunto ‘mulheres’ é necessariamente informação sobre os homens, que um implica o estudo do outro”* (Scott, 1990: 7), uma vez que se trata de uma categoria relacional. Estes estudos afirmam que não se pode falar em esferas separadas – mundo das mulheres e mundo dos homens – e falar sobre as mulheres implica necessariamente em falar sobre os homens. Contudo, não podemos deixar de duvidar que o conceito de gênero refere-se, em verdade, apenas a mulheres.

Essa trajetória da história das mulheres aos estudos das relações de gênero (SOIHET) tem sido importante para visibilizar o debate sobre as mulheres e as relações de diferença e hierarquização entre homens e mulheres. Contudo, é necessário salientar que o debate sobre o sujeito do feminismo (COSTA, 2002) na construção em torno da categoria mulher tem contribuído com profícua reflexão que, nas palavras de Medrado e Lyra (2008) pode contribuir para a construção de um marco conceitual que auxilia na formulação de uma matriz feminista para os estudos de homens e masculinidades.

### **Guisa de conclusão**

Os estudos sobre sociabilidade na velhice tem se constituído em torno de programas e atividades para a terceira idade de modo que trata de imagens e modos de viver ligados, de modo geral, à terceira idade. Como demonstra alguns autores esta sociabilidade associa-se, em boa medida, ao feminino, o que permite a visibilidade maior de mulheres e da configuração de modos de ser velho a partir de sociabilidades femininas. Nesse sentido, como salienta Motta (1999), a identidade de gênero pode ser considerada constitutiva da identidade geracional, quando coloca que:

na perspectiva de gênero, a trajetória de vida de homens e mulheres, como construção social e cultural, vem determinando diferentes representações e atitudes em relação à condição de velho(a). Dessa forma, gênero e idade/geração são dimensões fundantes de análise da vida social. Expressam relações básicas, por onde se (entre)tecem subjetividades, identidades e se traçam trajetórias (MOTTA, 1999: 207).

Debert (2004) afirma que as formas de associativismos presentes na velhice envolvem uma dinâmica participativa distinta, a partir do uso diferenciado dos espaços de sociabilidade entre homens e mulheres. Desconhecer essas diferenças e considerar o interesse das mulheres pelos programas a partir da situação demográfica de feminização do envelhecimento é desconhecer as diferenças entre a “razão dos sexos”<sup>3</sup> para a população idosa brasileira e para as formas de associativismo encontradas entre a população de idosos. Ademais, obscurece o entendimento de que as diferentes formas como homens e mulheres representam o que é velhice e percebem as mudanças ocorridas no envelhecimento são elementos importantes para entender o uso diferenciado desses espaços.

A diferença da “razão dos sexos” que alerta Debert aponta para o fato de que as diferenças, exatamente pelas questões de gênero, constituíram, ao longo da vida, experiências e trajetórias sociais diferenciadas para homens e mulheres e que na velhice apenas dá-se continuidade a um sistema de sexo-gênero instituído, não fugindo ao que já estava "predestinado" – homens sociabilizam-se de uma forma, mulheres de outra. O que podemos perceber é que nos estudos sobre envelhecimento a dimensão relacional, o sistema sexo/gênero e as relações de poder que constituem o foco de análise dos estudos de gênero desaparecem ao marcarem-se apenas as diferenças sexuais – caráter fixo da oposição binário masculino/feminino.

Segundo Meyer (1996) as diferenças sexuais biológicas constituiu-se de base para os processos de significação e organização da vida social. Essa fixação estabeleceu modos de dar significado as relações sociais, como também indicariam as possibilidades dos sujeitos desde o nascimento (ou mesmo antes). Todavia, Louro (1997) argumenta que não são propriamente essas características que determinam as diferenças entre homens e mulheres, mas a forma como estas diferenças são apresentadas e valorizadas, isto é, aquilo que se diz sobre elas é que vai constituir o que é masculino e feminino em uma determinada sociedade e momento histórico. Isto significa que os valores e padrões sócio-culturais construídos e definidos pela sociedade estão presentes no cotidiano daqueles que envelhecem e influenciam o comportamento e as atitudes dessas pessoas, na medida em que determina como deve ser o masculino e o feminino na velhice (Figueiredo et. al., 2007).

De acordo com Louro (1996), freqüentemente toma-se o gênero num sentido restrito de aprendizagem de papéis masculinos e femininos. Entretanto, estes são mais que identidades aprendidas, “sendo constituídos e instituídos pelas múltiplas instâncias e relações sociais, pelas instituições, símbolos, formas de organização social, discursos e doutrinas” (Louro, 1996:12). Ao afirmar que o gênero institui a identidade do sujeito

---

<sup>3</sup> Debert (2004) usa o termo razão dos sexos para remeter ao dado biológico – homens e mulheres – como dado estatístico para argumentar sobre as diferenças numéricas entre eles quando se trata de formas de associativismo.

(assim como a etnia, a classe, a velhice) pretende-se referir a algo que transcende ao mero desempenho de papéis. “A pretensão é, então, entender o gênero como constituinte da identidade dos sujeitos (Louro, 1997:24).

Mas os estudos sobre envelhecimento tratam a diferença como estando na natureza das coisas, apontando para o caráter descritivo do conceito de gênero, apontado por Scott (1990) em sua crítica ao uso da categoria. Estes estudos devem ir para além da referência constante às diferenças para introduzir de forma mais contundente a categoria gênero como ferramenta analítica, visando rejeitar os essencialismos das diferenças biológicas implícitas na palavra sexo ao ressaltar a dimensão social e histórica nas formas de ser homem e mulher.

### Referências Bibliográficas

ALVES, Andrea Moraes. 2006. Mulheres, corpo e performance: a construção de novos sentidos para o envelhecimento entre mulheres de camadas médias urbanas. In: BARROS, Myriam Lins de (org.). *Família e Gerações*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, v. 01, p. 67-90.

CORRÊA, Sonia; VIANNA, Adriana. 2007. Teoria e práxis em gênero e sexualidade: Trânsitos, avanços, dramas e pontos cegos. In: BONETTI, Alinne; FLEISCHER, Soraya (orgs.). *Entre pesquisar e militar: contribuições e limites dos trânsitos entre pesquisa e militância feministas*. Brasília: Centro Feminista de Estudos e Assessoria. p. 5-21.

COSTA, Claudia de Lima. 2002. O sujeito no feminismo: revisitando os debates. *Cadernos Pagu* (19): 59-90.

DEBERT, G. G. 2004. *A Reinvenção da Velhice: Socialização e Processos de Reprivatização do Envelhecimento*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, FAPESP.

FIGUEIREDO, Maria do Livramento Fortes; TYRREL, Maria Antonieta Rubio.; CARVALHO, Cecília Maria R. Gonçalves de.; LUZ, Maria Helena Barros Araújo.; AMORIM, Fernanda Cláudia Miranda.; LOIOLA, Nay Leite de Araújo. 2007. As diferenças de gênero na velhice. *Revista Brasileira de Enfermagem*, 60(4): 422-427.

HEILBORN, Maria Luiza. 1990. Usos e abusos da categoria de gênero. *Seminário Gênero e Raça na América Latina: Memorial da América Latina*, São Paulo.

LAURETIS, Teresa de. 1994. A Tecnologia do Gênero. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de (org.). *Tendências e impasses: O feminismo como crítica da cultura*. Ed. Rocco: Rio de Janeiro.

LOURO, Guacira Lopes. 1996. Nas redes do conceito de gênero. In: LOPES, Marta Julia Marques.; MEYER, Dagmar Elisabeth Estermann.; WALDOW, Vera Regina. (orgs.). *Gênero & Saúde*. 1 ed. Porto Alegre: Artes Médicas, v. 1, p. 07-18.

LOURO, Guacira Lopes. 1997. *Gênero, Sexualidade e Educação: uma perspectiva pós-estruturalista*. Petrópolis: Vozes.

MEDRADO, Benedito; LYRA, Jorge. 2008. Por uma matriz feminista de gênero para os estudos sobre homens e masculinidades. *Revista Estudos Feministas*, 16(3): 809-840.

MEYER, Dagmar Elisabeth Estermann. 1996. Do poder ao gênero: uma articulação teórico-analítica. In: LOPES, Marta Julia Marques.; MEYER, Dagmar Elisabeth Estermann.; WALDOW, Vera Regina. (orgs.). *Gênero & Saúde*. 1 ed. Porto Alegre: Artes Médicas, v. 1, p. 41-51.

MOTTA, Alda Britto da. 1994. Falando em surdina: são mulheres velhas. In: *IX Encontro da Associação Brasileira de Estudos Populacionais (ABEP)*, Anais do IX Encontro da ABEP.

RODRIGUES, Carlos Lima; MERCADANTE, Elisabeth Frohlich. 2006. O Papel do Trabalho na Construção da Masculinidade. In: MERCADANTE, Elisabeth Frohlich.; ARCURI, Irene Gaeta.; CORTE, Beltrina da Purificação. (orgs.). *Masculin(idade) e Velhice: Entre um Bom e Mau Envelhecer*. 6 ed. São Paulo: Vetor Editor, Editora Psico pedagógica, v. 3, p. 115-148.

SCOTT, Joan. 1990. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. In: *Revista Educação e Realidade* 15(2): 5-22.

SOIHET, Rachel. s/d. *História das Mulheres e Relações de Gênero: algumas reflexões*. Núcleo de Estudos Contemporâneos.

WOLFF, Cristina Scheibe; POSSAS, Lidia M. Vianna. 2005. Escrevendo a história no feminismo. *Revista Estudos Feministas*, 13(3): 585-589.